

Espiritualidade Mística na Península Ibérica - Séculos XVI e XVII -

Célia Maia Borges

Resumo

O artigo aborda o significado e a força da difusão da espiritualidade mística na Península Ibérica, nos séculos XVI e XVII. A atração para os assuntos de alta espiritualidade deveu-se, em parte, à circulação de livros de piedade e as traduções acessíveis a um público maior. A propagação da *devotio moderna* impulsionou o movimento. As obras espirituais germano-holandesas circularam na região e vários livros foram publicados na Península, quer reproduzindo as idéias dos místicos do norte ou mesmo da Itália, gerando novas reinterpretações.

Palavras-chave: espiritualidade; mística; Península Ibérica.

Introdução

Quando nos debruçamos sobre o fenômeno da espiritualidade mística na Península Ibérica no século XVI e meados do XVII, constatamos a presença de uma ampla literatura religiosa. Publicações diversas, tais como livros de meditação, de oração, sermões, orientações para prática de espiritualidade, circularam abundantemente pela península. Editaram-se muitas obras voltadas para as experiências místicas na Espanha, Portugal, e o interesse por estas publicações não se restringia a religiosos, mas inúmeros leigos se aventuraram por esta via espiritual.

Os grandes espirituais místicos, por demais conhecidos, Teresa d'Ávila e São João da Cruz integram uma grande tradição presente

¹ Prof. Adjunta do Depto de História e integrante do Programa de Pós-Graduação em Ciência das Religiões da UFJF; Doutora em História pela UFF. O presente artigo é resultado da pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade Nova de Lisboa para o projeto: «Espiritualidade Mística e Solidão: o ideário dos Carmelitas Descalços no Séc. XVI e XVII em Portugal».

na Espanha no século XVI, que por sua vez compõem uma corrente maior interessada numa experiência religiosa mais intimista. O movimento que se assiste na Península é tema, ainda hoje, de controvérsias: de um lado, procura-se explicar a força alcançada em função da presença de uma literatura herdeira dos espirituais do norte da Europa, principalmente germano-flamenga. De outro, reivindicam-se parte deste movimento pela presença marcante da espiritualidade muçulmana e judia, que, por vias indiretas, teriam influenciado os místicos espanhóis².

Certo é que várias correntes de literatura espiritual no século XVI se interagiram e refundiram. Uma proveniente da escola germano-flamenga; outra oriunda da Itália. E, em Portugal ainda as provenientes da Espanha, adaptadas e reinterpretadas. Sem desconsiderar as divergências, as obras originárias do Norte convergiram com as do sul, impulsionando a renovação do Cristianismo interiorizado³. O desejo de experimentar vias adequadas de procura de Deus e de aperfeiçoamento pessoal levou várias pessoas – religiosos e leigos – ao encontro da espiritualidade mística.

Fundamental para esse processo foi a maior circulação de livros, tornando-se acessível a um público maior. A invenção da imprensa no século XV daria uma grande impulso à circulação de obras de piedade. As traduções latinas realizadas pelos cartuxos em Colônia contribuiriam para tornar acessível textos alemães ou neerlandeses⁴. Harphius foi traduzido em 1509⁵ Tauler seria editado em 1543⁶;

A ênfase numa literatura de piedade integrava um movimento mais abrangente que visava depurar a vida religiosa. No sul da Alemanha, no norte da França e Holanda, os Irmãos da Vida Comum, os Monges Cartuxos, os Cônegos de Windesheim dariam um contributo fundamental⁷. Savanarola, na Itália, juntamente com os eremitas de Santo Agostinho e os franciscanos (capuchos) seriam responsáveis pelo acirramento das críticas à vida do clero. Cisneros, na Espanha, e os reformadores dominicanos e franciscanos contribuiriam para a crítica interna da Igreja.

Este movimento de reforma no interior da Igreja, anterior aos acontecimentos do séc. XVI que levariam à ruptura dentro da Cristandade, adquiriu destaque com a atuação dos Irmãos da Vida Comum e os Cônegos Regrantes de Windesheim, conhecidos pelo fervor dos monges e austeridade da Regra⁸. O investimento dos monges na produção ou transcrição de livros de espiritualidade deram uma projeção extraordinária de irradiação espiritual. Dedicavam-se ao mesmo tempo a uma vida contemplativa, como os beneditinos, e ativa como a dos mendicantes, contudo guardando sua diferença em relação a estes⁹. O trabalho desenvolvido pelos seguidores de Groot¹⁰

destaca-se pela importância atribuída à Bíblia e aos Padres da Igreja. A rejeição à teologia escolástica e a afirmação de uma espiritualidade afetiva emolduram a orientação religiosa do grupo.

A propagação do movimento, conhecido como *devotio moderna*, impulsionou o interesse por uma espiritualidade afetiva¹¹ e prática, centrada na vivência interior do fenómeno religioso. Nascida nos Países Baixos¹² na segunda metade do século XIV, a Escola assume-se como cristocêntrica. O recolhimento, a mortificação, o sofrimento de Cristo tornar-se-iam uma referência constante de fé. "É um cristocentrismo prático, nada especulativo; daí sua "fixação" pela vida histórica de Jesus, pela meditação dos mistérios da Humanidade de Cristo, meio para a contemplação"¹³. Difundem um «método», exercícios de piedade, de oração e de exame da consciência, ainda que não sejam eles os iniciadores do método oracional, chegando a uma planificação detalhada, com temas de meditação para cada dia. A metodização dos exercícios espirituais, sobretudo da meditação e a graduação definitiva de toda a vida espiritual, inseria-se em uma longa tradição, ainda que o período final da Idade Média tenha dado o seu grande contributo¹⁴. Não obstante não serem obras originais, tiveram grande importância na divulgação da espiritualidade afetiva.¹⁵

Os Cartuxos de Colônia e os dominicanos holandeses impulsionaram a propagação da *devotio moderna*. Sob a influência do Ludolfo de Saxe e Dioniso Ryckel os monges de São Bruno desenvolveriam uma espiritualidade mais afetiva, ainda que resultante de uma base especulativa¹⁶. Hugo de Balma, um dos seus primeiros tratadistas, há muito havia sido o inspirador desta corrente¹⁷. Ryckel(†1471) foi o nome mais célebre da escola. Em busca do caminho da perfeição, dirigia-se a todos os segmentos da sociedade. Seus escritos tiveram influência entre os Cartuxos e seus contemporâneos¹⁸. A afeição dos monges de São Bruno de Colônia pela obra dos grandes mestres, de orientações menos intelectualistas, explicaria o investimento na propagação destes livros. A partir do início do século XVI diversas obras de vários espirituais foram publicadas e reeditadas: Harpius¹⁹ (ou Háfio) (1509, 1513, 1516, 1536, 1538), Ryckel (1530-1543), Blois (1539), Esquio (1543, 1548), Tauler (1543, 1548), Ruysbroeck (ou Rusbróquio)²⁰ (1552), Suso²¹ (1555).²²

A Recepção e Influência de Obras Espirituais na Península Ibérica

A recepção e influência de obras espirituais Reno-Flamengas na Península Ibérica, principalmente aquelas que procuravam dar uma orientação de ascese, de contemplação à união mística, mostram a

força deste movimento. Inúmeras livros foram publicados em Portugal e mesmo as edições das obras dos espirituais afetivos feitas em Espanha circularam bastante em Portugal²³. Muitos portugueses freqüentaram as Universidades de Alcalá e Salamanca. De Sevilha chegaram inúmeros livros, gerando uma unidade cultural na Península Ibérica²⁴.

Paralelamente à circulação do ideário desta corrente espiritual, desenvolveram-se os primeiros impulsos de reforma das ordens religiosas em fins do século XV e no decurso do XVI. Várias Ordens iniciaram ou foram submetidas a diversificados processos de reforma. Sem querer aqui discutir a eficácia e o alcance destas medidas, certo é que algumas resultaram na afirmação ou na renovação de correntes de espiritualidade. Silva Dias, em um longo e talvez o estudo mais aprofundado sobre as correntes de espiritualidade em Portugal, mostrou o significado das reformas no seio das ordens religiosas. A ânsia reformadora de uns, chocava-se com resistências de outros. A implantação da Ordem do S. Jerônimo e dos Cônegos Regulares de São João Evangelista(Lóios), em fins do século XV, revela uma mudança que vinha operando entre alguns grupos daquela sociedade. De caráter mais austero, tais Ordens tornaram-se modelos de religiosidade. Verdade é que a idéia de reforma que vinha sendo defendida, pelo menos em Portugal, inclusive por membros da Corte, «*nem sempre se traduziu em reformas profundas e continuadas capazes de ir muito além das medidas de âmbito canônico e disciplinar*»²⁵.

A ação reformadora iniciada em Santa Cruz de Coimbra, em 1526, é para o nosso estudo revelador. A responsabilidade final coube a dois monges da Ordem de S. Jerônimo: Fr. Jorge de Évora e Fr. Brás de Braga. O último tivera sua formação nos centros da Europa, onde estudara com seu confrade Fr. Diogo de Murça. Silva Dias levanta a hipótese de que o espírito que gerou a restauração de Santa Cruz tenha sido influência dos Cônegos de Windesheim²⁶. A idéia de organização dos cônegos regrantes implantada por Fr. Brás é fiel à orientação dos discípulos de Gerar Groot, quer nos Países Baixos, quer Alemanha e França²⁷. O *Livro das Constituições e Costumes* é a evidência mais concreta desta relação²⁸. Os dois primeiros capítulos são dedicados à clausura e ao silêncio. Mas não são somente as *Constituições e Costumes* que permitem aproximar a reforma de Santa Cruz do ideário de Windesheim, afirma Silva Dias²⁹. A opção de Fr. Brás pela cultura patrística e escrituraria em detrimento da cultura escolástica é também reveladora. Todavia, esta hipótese, lembra-nos Silva Dias, apresenta sua fragilidade em razão da ausência de documentos comprobatórios das obras de Ruysbroeck entre os cônegos regrantes portugueses³⁰. Se os religiosos de Santa Cruz não tiveram acesso direto à Ruysbroeck, pelo menos leram-no indiretamente através de Harphius.

[Que os cruzios], se não leram nem meditaram os compêndios de Rusbróquio, tiveram à mão, como livro de texto, o Espelho da Perfeição do seu mais próximo discípulo e direto continuador - o franciscano Henrique Hárflor.³¹ (grifo nosso)

A admiração de Fr. Brás pelo Espelho da Perfeição é notória, pois a considerava «mais divina que humana». O livro que trata do caminho da união com Deus, desenvolve os princípios de uma prática religiosa substancial, retomando a tradição do misticismo de Eckhart, Ruysbroeck, Hugo de Balma, dentre outros. No entanto, se não temos como avaliar o alcance da intervenção de Fr. Brás, por outro lado, algumas outras reformas e edificações de centros religiosos - com espírito guiado pelas orientações místicas - são exemplos deste movimento. A fundação das províncias franciscanas da Piedade e da Arrábida em Portugal mostra com clareza a luta pela preocupação ascética, com acentuado rigor para a penitência e pobreza. O apoio que encontraram junto de nobres empenhados na restauração dos centros religiosos demonstra o significado ideológico na conjuntura da época³². Tudo indica que o pendor para a elevação mística entre os franciscanos assentava numa ascendência italiana: vários freis, ligados às primeiras fundações, passaram pela Úmbria³³. A espiritualidade mística entre os capuchos não era novidade. «*Cá e lá não faltaram adversários e muita gente acusava os seus adeptos de coniventes no misticismo iluminado, tão em voga no século XV e ainda nos primórdios do século XVI.*»³⁴ Certo é que as práticas ascéticas e místicas eram constantes entre os capuchos. As demonstrações do seu ascetismo revelam-se na descrição a seguir:

Os arrábidos, (...) residiam em conventos pequenos, terreos, de construção grosseira, sem conforto nem comodidade, geralmente erguidos em lugares sem povoação*.

(...) As vivendas dos capuchos, contrastando com as dos outros regulares, eram um indício da sua regra de vida. Os seus hábitos eram remendados e do tecido mais ordinário. Comida era a dos pobres, com jejum na maior parte do ano e abstinência permanente de carne, peixe, vinho e ovos, exceto para os doentes. Os pés sempre nus; disciplina assídua; total proibição de aceitar esmola pecuniária ou estipêndio de missa e sermões, assim como de fazer provisão de comestíveis, salvo de pão para alguns dias; obrigatoriedade de cada convento ter o seu padroeiro, a quem ano a ano seria pedida a indispensável licença para se continuar a habitá-lo; e sobre tudo isto, ... o preceito do Coro, da

pobreza nos paramentos, e de duas e meia três horas diárias de oração mental. (...)»³⁵ p. 151

O caminho dos capuchos é o dos contemplativos do Norte bem como as santas medievais: Santa Brígida, Santa Catarina de Siena, Santa Catarina de Genova, beata Ângela de Foligno, Santa Brígida. Êxtases e levitações compunham suas práticas ascético-místicas. Em razão de suas orientações espirituais, foram muitas vezes vistos como «suspeitos de afinidades com os iluminados»³⁶. A atração exercida pelos capuchos foi grande no decorrer do século XVI não só entre os grupos populares senão também entre a nobreza. O rigor e a austeridade permaneceram por longo tempo nos conventos capuchos. Frei Antônio das Chagas, no início do XVII, ainda daria demonstrações desta piedade³⁷.

Não menor foi o papel dos franciscanos no movimento de renovação espiritual na Espanha, responsável por divulgar entre o povo uma piedade interiorizada. Seriam os franciscanos os grandes responsáveis pela divulgação da oração do recolhimento.

Nos "recolectorios" franciscanos muitos cristãos - clérigos, religiosos/as e leigos - se tem iniciado em um método de oração muito fecundo para a espiritualização do povo. Dal tem surgido comunidades orantes que praticaram a oração de "recogimiento", sendo uma discípula e depois mestra Santa Teresa de Jesus (Cf. Vida, 4, 6)³⁸

O franciscano Francisco de Osuna (†1540) influenciaria bastantes religiosos do seu tempo³⁹. A «via de recolhimento» de Osuna seria responsável por propiciar o clima de espiritualidade na Espanha do século XVI, bem como em Portugal⁴⁰. O livro *Terceiro Abecedário* engloba quase toda a obra mística de Osuna⁴¹. Obra marcante no seu tempo, tornou-se o livro de cabeceira de Santa Teresa. No período de sua formação, ela leu o livro que a acompanhou por toda a vida⁴². É justamente a doutrina que encontra Teresa no *Terceiro Abecedário* que apresenta numerosos pontos de contato com os místicos do Norte (Reno-flamengos). Segundo Cognet, Francisco de Osuna conheceu as obras de Ruysbroeck (ou Rusbróquio) e Suso bem como as utilizou⁴³.

Outro franciscano viria a ter ascendência sobre Teresa d'Ávila: Bernardino de Laredo (1482-1540)⁴⁴. Em diversos momentos de sua obra a Santa espanhola cita o livro *La Subida del Monte Sión por la Via Contemplativa* (Vida, 23, 12)⁴⁵, onde Laredo faz a defesa da vida contemplativa ou mística, propondo um método de oração aspirativa ou jaculatória, embora a perfeita oração de quietude mística fosse alcançada, não por exercícios ativos, mas como oferta de Deus. Os

escritos de Laredo inserem-se na longa tradição que vem do Areopagita; Hugo de Balma e Henrique Harphius⁴⁶.

A febre mística entre os franciscanos na Espanha pode ser constatada também em São Pedro de Alcântara (1499-1562)⁴⁷. Foi outro dos grandes místicos da Espanha quinhentista, realizando ao mesmo tempo uma vida ativa e contemplativa. Buscou incansavelmente restabelecer a primitiva regra de São Francisco e, após vencer inúmeros obstáculos, fundou um certo número de casas religiosas pautadas pela regra da estrita observância. Até à sua morte manteve contato com Teresa de Jesus, relatado pela Santa em sua obra biográfica. Severo asceta, escreveu o *Tratado de la Oración y Meditación*, obra mística que orientava os praticantes no caminho da perfeita união⁴⁸. Alonso de Madrid em sua *Arte de Servir a Deus*; Antonio de Guevara em o *Oratório de Religiosos e ejercicios de Virtuosos*; Juan de los Angeles com *Diálogos de la Conquista del Reino de Dios*, fazem parte de uma longa lista⁴⁹.

A obra do beneditino Garcia Jiménez de Cisneros (1455-1510) tornar-se-ia símbolo da renovação da espiritualidade em Espanha. A publicação do *Exercitatorio de la Vida Espiritual* difundiria os exercícios espirituais de autores medievais e da *devotio moderna*. Abordava a temática e a metodologia de autores medievais tais como as três vias da vida espiritual, purgativa, iluminativa e unitiva. A via purgativa centrava-se na oração, «exercício» fundamental do cristão, a «reflexão» ou «meditação» sobre a vida de Cristo. Realizados metodicamente segundo os dias da semana, obedecendo a horas fixas, induziria no praticante sentimentos de temor, dor, arrependimento dos pecados, etc., proporcionando uma preparação para a via iluminativa⁵⁰.

O exame de consciência realizado metodicamente na via iluminativa, proporcionaria, como a oração, depurar a consciência, juntamente com os exercícios de ação de graças realizados em distintos dias da semana. O discurso mental cessaria na via unitiva, prevalecendo o exercício do amor. Ao focar a contemplação, recupera-se o tema abordado pelos religiosos espirituais do Ocidente, passando por Hugo de Balma e Harphius⁵¹.

Também entre os agostinianos o interesse pela espiritualidade mística contou com vários adeptos. Destacam-se Santo Tomás de Villanueva que, dentre outros, escreveu *De La Lección, Meditación, Oración y Contemplación e Modo Breve de Servir a Dios*. O Beato Alonso de Orozco com seu *Monte de Contemplación e Vergel de Oración*⁵².

O ímpeto reformador e o interesse pela mística não deixariam do contagiar vários religiosos dominicanos: Frei Pablo de Leon, autor

de *Guia del Cielo*; Felipe de Meneses com sua *Luz del Alma*; e São Vicente Ferrer com seu *Tratado de la Vida Espiritual*. Inúmeras outras obras vieram a lume no século XVI, como por exemplo, *Carro de Dos Vidas* de Gomes Garcia; *Um Brevíssimo Atajo y Arte de Amar a Dios* (1513); *Caballeria Cristiana*, do franciscano Jaime de Alcalá⁵³.

Juan de Ávila (1500-1569)⁵⁴, impregnado pelas orientações espirituais de seus contemporâneos, travou relações com personalidades fortes da Espanha quinhentista: frei Luís de Granada, São Francisco de Borja, Santo Inácio de Loyola e Santa Teresa. Em razão das orientações contidas no seu livro, foi perseguido pela Inquisição (1532-34) e aprisionado alguns meses⁵⁵.

Não é nosso interesse relacionar todos os místicos e sim dar uma dimensão do movimento. Contudo, não vejamos nessa corrente um todo homogêneo. Se o pensamento reno-flamengo inundava a Península, as variações e as interpretações foram também muitas. Paralelamente ao movimento místico, o movimento humanista cristão conquistaria um largo público⁵⁶. As obras de Erasmo, neste contexto, jogariam um papel extremamente importante⁵⁷. Somente nos interessa neste momento a difusão das obras místicas que inundavam a Península Ibérica naquele momento. Tampouco é nosso objetivo aqui analisar as diferenças entre as várias doutrinas místicas, mas mostrar o significado deste movimento e a força alcançada no alvorecer do período moderno. A leitura das obras místicas permitem avaliar as diferentes formas de interpretar os caminhos para a via unitiva. O misticismo de Santa Teresa, por exemplo, é antes de tudo um misticismo que, embora apoiado nas leituras dos espirituais do seu tempo, na Bíblia e na vida de santos, adaptado e interpretado a partir de suas experiências. Ela analisava sua psicologia sobrenatural e a descrevia, com clareza, seus diferentes estados de alma. Teresa de Jesus nutria-se fortemente da espiritualidade de seu tempo. Entretinha relações com confessores, interrogava os espirituais com os quais tinha contato, dialogava com teólogos, escutava com atenção os sermões e homilias⁵⁸. Como já dissemos, as leituras dos livros de espirituais como Francisco de Osuna⁵⁹ e Laredo ajudaram muito a construir o seu percurso místico, ainda que se afaste do primeiro quanto à interpretação sobre o papel da humanidade de Cristo na contemplação⁶⁰. A obra mística de Bernardino de Laredo, *Subida del Monte Sión*, era para Teresa não menos uma fonte preciosa de orientação mística.⁶¹

A propagação do rigor ascético, assente numa base mística, teria continuidade em alguns dos centros eremíticos dos Carmelitas Descalços, criados por São João da Cruz e Teresa d'Ávila, também conhecidos como «desertos»⁶². Os relatos da vida nestes mosteiros, registrados pelos religiosos desta Ordem em suas Crônicas, são a

esse respeito reveladores. Difundidos na Espanha de quinhentos, estes eremitérios, representavam um ideal de vida dos místicos interessados em reproduzir a experiência dos primeiros padres da Igreja, que se retiravam para os desertos. Em Portugal, na segunda década do século XVII, os Carmelitas Descalços iriam criar o seu primeiro eremitério em Santa Cruz do Bussaco.

A Igreja Católica, ameaçada pelas reformas protestantes que varriam o norte da Europa, mantinha-se atenta aos assuntos espirituais. O risco de heterodoxia estava sempre presente e, por isso, a Inquisição não se descuidava nos assuntos da fé. O controle sobre os livros, sobre os religiosos e leigos, sobre as práticas espirituais era moeda corrente. O clima de suspeição, principalmente a partir da segunda metade do séc. XVI e no decorrer do XVII, ecoava na vida das populações. As várias perseguições a religiosos e leigos, sobretudo àqueles que se aventuravam em experiências místicas, revelam as preocupações de quem estava incumbido de velar pela ortodoxia⁶³. Os círculos espirituais foram objeto de atenção particular por parte dos agentes do Santo Ofício. Sob a acusação de pertencerem ao grupos dos *allumbrados*,⁶⁴ muitos foram perseguidos⁶⁵. O receio de penetração de idéias religiosas com interpretações duvidosas à ortodoxia da Igreja ou que se aproximassem da corrente luterana, ou mesmo de influências eramistas, conduziu a um excesso de vigilância. Por isso a espiritualidade praticada por pessoas e grupos projetava um fundo de temor. Isso iria refletir também na produção literária «espiritual», que aos poucos foi sendo adaptada a fim de se submeter ao crivo dos censores. Até mesmo o frei dominicano espanhol Frei Luis de Granada teve partes de sua obra censuradas⁶⁶.

As obras de Frei Luis tiveram grande divulgação em toda a Península Ibérica. Ainda que não se possa classificá-las como puramente místicas, certo é que as orientações espirituais impressas nos livros atraíram grandes círculos interessados em novos caminhos de piedade cristã, por uma via afetiva. Desde a publicação do *Libro de La Oración y Meditación*, em 1554, multiplicaram-se as reimpressões nos prelos peninsulares⁶⁷. A obra dividida em duas partes contém as bases para o aperfeiçoamento da devoção. A Paixão de Cristo é o tema fundamental orientador da meditação, recapitulando os passos do sofrimento de Cristo⁶⁸. O interesse pela sua obra advém da veiculação na Península Ibérica de correntes de espiritualidades interessadas em novos caminhos de piedade cristã. Certo é que Frei Luis de Granada foi influenciado pela literatura estrangeira, ainda que não seja possível precisar suas origens. A preferência pela oração mental sobre a vocal, a objeção à escolástica, ou mesmo o tema da Paixão integram numa corrente maior. As técnicas de suas meditações – a vida de Cristo – podem ser tributárias de alguma fonte franciscana, ou de Ludolfo de

Saxe, com a sua *Vita Christi*, ou de um místico do Norte como o Pseudo-Taulero, ou mesmo do francês Luís de Blois, divulgador de obras germano-flamengas, ou ainda do italiano Savonarola, senão do espanhol João de Ávila⁶⁹. Em alguns textos de Granada encontra-se a defesa da espiritualidade de recolhimento, decalcada da leitura das obras de Francisco de Osuna ou mesmo dos místicos germano-flamengos. A revalorização da leitura da Bíblia e dos textos dos antigos Padres e Doutores da Igreja eram comuns também na literatura ascético-mística de quinhentos. Espanha e Portugal seguiram o interesse pela Patrística que a *devotio moderna* havia difundido. A recorrência à Bíblia, estava em consonância com quantos praticavam uma espiritualidade avançada no período, principalmente Salmos e Cânticos dos Cânticos. O interesse pelas Epístolas de São Paulo adequava-se também aos interesses da alta espiritualidade⁷⁰. Dentre os Doutores da Igreja, Santo Agostinho (354-430) iria ter ascendência sobre o pensamento granadiano, tal como tinha marcado fortemente a escola germano-flamenga.

O retorno às fontes cristãs preconizadas pelos espirituais e a defesa de uma espiritualidade mais intimista e anti-ritualista em que a força da fé substitua a obediência à formulas, geravam naqueles que velavam pela ortodoxia da Igreja um certo temor, pois havia em parte uma aproximação às idéias defendidas pelos reformadores protestantes.

Não obstante o olhar atento da Igreja, o ideário místico irradiava com toda a força na Península. Ainda no decorrer do séc. XVII encontrava adeptos entre os quais o português Frei Antônio das Chagas que foi também seduzido por esta vertente⁷¹. De uma vida errante, converteu-se e tornou-se pregador e penitente. Influenciado pela obras espirituais de Frei Luis de Granada⁷² é atraído para a vida religiosa⁷³. Frei Antônio das Chagas em várias ocasiões, recolheu-se nos «desertos» a fim de se dedicar à contemplação, como no de de S. Bernardino perto de Peniche⁷⁴. A meditação da Paixão estava no centro das suas orações. Segundo Belchior Pontes, o modo de contemplar centrado na Paixão foi colhido da leitura de Esquio, que por sua vez o copiara de Harphius⁷⁵.

A Esquio deverá, provavelmente, muito dos seus amores pela Paixão, a Esquio o exercício da mortificação quase contínua, a Esquio ainda a doutrina que expõe sobre quietação, «encosto em Deus», e o «suave sono do espírito», que é já «união divina». Mas o que mais o aproxima do autor flamengo é o exercício e a teoria das aspirações⁷⁶.

A doutrina ascético-mística de Frei Antônio das Chagas, além de fragmentos da espiritualidade de Harphius e de Esquio, amalgamava

os ensinamentos dos Padres da Igreja como S. João Clímaco e ainda os de Santa Teresa e São Francisco de Sales⁷⁷.

Outro leitor de Granada e influenciado pelas suas práticas espirituais, Frei Estevão da Purificação, Carmelita Descalço, tinha o dominicano por mestre, adotando os «santos exercícios»⁷⁸. Entre os eremitas da Serra da Ossa a admiração por Frei Luiz de Granada não era menor. Na *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa*, Frei Henrique de Santo António elogiava o frei Luiz de Granada pela tradução do livro de S. João Climaco, do latim para o espanhol, «em benefício das almas mais dadas ao Senhor pelo caminho da contemplação»⁷⁹. Do mesmo modo em Évora Luís de Granada iria ter inúmeros adeptos no campo da espiritualidade. Os primeiros jesuítas de Évora encontraram na leitura do dominicano orientações, um guia de oração e de comunicação com Deus⁸⁰. É sabido que nesta cidade se concentrava um grande círculo de interessados na «alta espiritualidade». Não foi por acaso que em Évora, em 1583, saía a lume o *Tratado que Escribio la Madre Teresa de Iesus a las Hermanas Religiosas de la Orden de Nuestra Señora Del Carmem Del Monesterio*⁸¹. E, no decorrer do XVII, malgrado o controle da Igreja, continuaria acesa a chama que atrairia ainda bastantes adeptos para a espiritualidade mística.

Abstract

This article focuses on the meaning and strength of the mystical spirituality diffusion in the Iberian Peninsula during the 16th and 17th centuries. The attraction towards subjects of high spirituality is due, partly, to the circulation of piety books and translations made accessible to a larger audience. The propagation of *devotio moderna* stimulated the movement. German-Dutch spiritual works circulated in the region and many books were published in the Peninsula, propagating mystical ideas from the north or even from Italy, creating new reinterpretations.

Keywords: Spirituality; mystical; Iberian Peninsula.

Notas

- ² Ver principalmente CUEVAS, Cristóbal. *El Pensamiento del Islam. Contenido e Historia. Influencia en la Mística española*. Madrid: Ediciones Istmo, 1972.
- ³ Rodrigues, Maria Idalina. *Frei Luis de Granada e a Literatura de Espiritualidade em Portugal - 1554-1632*. Tese de Doutoramento em Filologia Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1976. p. 927
- ⁴ Cognet, *La Spiritualité Moderne*. Paris: Aubier, 1966. p. 40.
- ⁵ O livro *Espelho da Perfeição*, de Harpius, foi traduzido para o latim, com o título *Directorium Aureum Contemplativorum*, por Pierre Blomevenna (1466-1536), prior dos Cartuxos de Saint-Barbe(Colônia). Cf. Cognet, op. cit, p. 40. Em 1556, o conjunto das obras de Harpius seria reunida sob o título de *Teologia Mística*.

- ⁶ A edição das obras de Tauler contém numerosos sermões atribuídos ao mestre Eckhart. Neste sentido, os textos eckhartianos teriam circulado no decorrer dos séculos XVI e XVII encobertos por Tauler.
- ⁷ DIAS, José Sebastião da Silva. *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal. Séculos XVI a XVIII*. T 1, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960. p. 9.
- ⁸ Seus fundadores foram Gerard Groot (†1384) e Florent Radewijnd (†1400), motivados pelo desejo de reformar as corporações religiosas. Cf. DIAS, J.S. da Silva. *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*. *Op. cit.*, p. 10.
- ⁹ *Idem*, p. 10.
- ¹⁰ Gerard Groot recomendava sempre a seus discípulos meditar sobre a Paixão de Cristo, a fim de fazer brotar nos seus corações o desejo de imitar o divino crucificado. Propunha um método para meditar, obedecendo uma seqüência determinada. Cf. Pourrat, *op. cit.* p. 21
- ¹¹ Espiritualidade afetiva (afectiva) é assim chamada por se contrapor ao intelectualismo e principalmente à escolástica.
- ¹² Não é unânime entre os historiadores a aplicação do nome *Devotio Moderna* somente aos autores dos Países Baixos. O conceito e características do movimento são estendidos a outros autores dos séculos XIV e XV, de outras partes da Europa responsáveis também pela renovação espiritual. Nesse sentido poderiam ser tb clasificados dentro deste movimento, dentre outros, o francês Juan Gerson (1363-1429), o cartuxo alemão Ludolfo da Saxonia, com sua célebre obra *Vita Christi*; na Itália, Ludovico Barbo e Sant Lorenzo Justiniani; na Espanha, São Vicente Ferrer; o beneditino Montserrat e Garcia Jiménez de Cisneros. Ver a esse respeito o livro de Marato, *Historia de la Espiritualidad Cristiana*, Madrid, 1990, p. 199.
- ¹³ Marato, *op.cit.* p. 197.
- ¹⁴ Sobre este assunto ver: POURRAT, P. *La Spiritualité Chrétienne. Les Temps Modernes*. V. 3, Paris, Librairie Lecoffre. J. Gabalda et Cie, Éditeurs, 1935 p. 6 ss.
- ¹⁵ Vários são os autores: Gerlac Peters (1378-1411) escreveu *Soliloquium* e o *Breviloquium*; Gerardo Gerbolt de Zutphen (1367-1398), responsável por duas obras: *De reformatione virium animae* e *De spiritualibus ascensionibus*. Tomás de Kempis (1380 - 1471) é o mais conhecido. Muitos questionam a sua autoria do livro *Imitação de Cristo*. É autor também de outras obras espirituais. Juan Mombaer (Maubumus) (1460-1501), autor de *Rosetum Exercitiorum spiritualium et sacrarum meditationum*; obra de imensa influencia nos autores da Península Ibérica; Enrique Herp (Harphius) (†1478) escreveu *Theologia Mystica* que é uma condensação de várias obras, principalmente de Hugo de Balma e Rusbróquio. A sua obra teve uma imensa circulação na Pensínsula Ibérica. Cf. Marato, *op. cit.* p. 198. Ver também do mesmo autor sua tese doutoral *Amor y Conocimiento en la Vida Mística*. Madrid, Fundación Universitária Española, pp. 105-154.
- ¹⁶ Dias, *op.cit.*, p. 12.
- ¹⁷ O Cartuxo Hugo de Balma, em fins do séc. XIII, no prólogo de sua obra *Theologia mystica* acusava os teólogos escolásticos de soberba por acreditaram poder conhecer Deus pela via de pensamento-entendimento e não por amor-vontade. Sua doutrina propõe conduzir a alma à divina sabedoria pela contemplação mística. Seus estudos teriam grande influência para a difusão da oração metódica. Cf. Pourrat, *op. cit.*, p. 17.

¹⁸ Dias, *op.cit.*, p. 11.

¹⁹ Não obstante ao longo do texto optarmos por manter a grafia Harphius, em citações manteremos a grafia adotada pelos autores.

²⁰ Juan Ruysbroeck (1295-1381), místico flamengo, integrava a Escola mística renana. Suas obras foram amplamente lidas pelos espirituais posteriores. Foi o fundador do convento dos Cônegos Regrantes de Groenendael (Holanda) e mestre espiritual de Gerard Groot e da Congregação de Windesheim. Sobre suas teorias consultar o livro de Pourrat, *La Spiritualité Chrétienne. Le Moyen Age.T.II*, pp. 373-375.

²¹ Henrique Suso (†1365), dominicano, radicado no mosteiro de Inselkloster, próximo de Constanza, na Suíça. Integrava a escola renana, não por nascimento, mas por semelhança de doutrina ao ser discípulo de Eckhart em Colônia. Considerado por muitos como o mais poético e lírico dos místicos. São várias as suas obras: *Opúsculo da Verdade; Opúsculo da Eterna Sabedoria, Curso da Eterna Sabedoria*. Escreveu também sua autobiografia. Seu caminho espiritual, influenciado por mestre Eckhart, contém os clássicos graus de: «principiantes, proficientes e perfeitos». O primeiro se configura pelo abandono nas mãos de Deus, o despojamento de si mesmo e as coisas criadas; o segundo, pela meditação e seguimento de Cristo através de sua Humanidade, e o terceiro, pela transformação em Cristo, em sua divindade. Sua obra *Opúsculo da Eterna Sabedoria*, foi muito lido na Idade Média. Cf: Maroto, *op. cit.* p. 195.

²² Apoiamos aqui no livro do Silva Dias, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal. Op. cit.*, p. 11.

²³ São várias as obras. Como exemplo temos de Tauler (ou Taulero), *Instituciones, o doctrinas del excelente theologo* publicado em Coimbra. 1551; Exercícios e mui devota meditação da vida e paixão de nosso senhor Jesus, Coimbra e Viseu, 1571; Nicolau Esquilo, *Exercícios spuais e diuinos per...* Tresladados de latim em romance português por hu frade menor da provincia da piedade. Évora, 1554 e 1555; O livro *Imitação de Cristo*, foi publicado em Leiria em fins do séc. XV; em Lisboa em 1542; em Évora em 1555; A obra *Vita Christi*, em Lisboa, 1495; Hárfio, *Espelho de Perfeçam* em língua portuguesa, Coimbra, 1533; S. Boaventura, *Tractado do Seraphico Doctor... chamado Da perfeçã da vida... Tractado do mesmo sancto chamdo Arvore da Vida...Hum breve A.B.C. spiritual... Convertidos em lingoagem* por Fr. Marcos de Lisboa, Lisboa, 1562; Serafino de Fermo, *Tratados de vida spiritual, que enseñam como el hóbre del estado del peccado a la cumbre de la perfection*, Coimbra, 1551. Ver a obra de Silva Dias, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal* onde faz um minucioso levantamento das obras editadas em Portugal.

²⁴ Dias, *op. cit.*, p. 496.

²⁵ Fernandes, Maria de Lurdes Correia. Da reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reforma, pastoral e espiritualidade. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) *História Religiosa de Portugal*, Lisboa: Círculo dos Leitores, 2000, vol. 2, p. 16.

²⁶ *Correntes de Sentimento Religioso... op. cit.* p. 111

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Dividido em três partes, trata na primeira da clausura, silêncio e ofícios conventuais; na segunda, das cerimônias e observâncias regulares e na terceira,

dos meios próprios para garantir a reforma. Cf. Silva Dias, *op.cit.*, p. 111.

²⁹ *Idem*, p. 116.

³⁰ Silva Dias, *op.cit.* p. 117.

³¹ *Idem*, p. 118. O livro foi editado pela tipografia de Santa Cruz em 1533 e foi prefaciado por Fr. Brás de Braga.

³² *Idem*, p. 149.

³³ Fr. Juan de la Puebla vivera entre os capuchos da Úmbria, cinco ou seis anos. Fr. Juan de Águila, Fr. Juan de Guadalupe, Fr. Pedro Melgar, Fr. Martinho de Santa Maria, Fr. Anjo de Valladolid passaram longas temporadas pelos Estados Pontifícios requerendo apoios e títulos para suas reformas. Cf: Silva Dias, *Op. cit.* p. 149/150

³⁴ *Idem*, p. 150.

³⁵ *Idem*, p. 151.

³⁶ *Id. ib.* p. 153.

³⁷ *Id. Ib.* p. 155.

³⁸ Maroto, *Historia de la Espiritualidad*, *op. cit.*, p. 207.

³⁹ Cognet, *op. cit.*, p. 74.

⁴⁰ As doutrinas expostas no «Terceiro Abecedário» circularam tanto na Espanha quanto em Portugal. Várias edições foram veiculadas em Portugal. Há três exemplares de 1544 na Biblioteca Nacional de Lisboa do «Primer Abecedário» (editado em Medina del Campo); Dois do «Segundo Abecedário» (um editado em Sevilha, em 1530 e 1545); quatro do «Terceiro Abecedário» (um editado em Toledo, em 1527, em Valhadolide, em 1537, Burgos, em 1544 e 1555; dois exemplares do «Quarto Abecedário» (editados em Sevilha, em 1542. Em outras bibliotecas do país encontram-se outros tantos exemplares. Segundo nos informa Silva Dias, há em Évora (BPE) um exemplar do «Primer Abecedário», Burgos, 1537; três exemplares do Segundo Abecedário, editados em Sevilha, em 1530 e em Burgos, 1539 e em 1545; dois exemplares do Terceiro Abecedário, publicados em Burgos, em 1544 e 1555; dois exemplares do Quarto abecedário, um editado em Sevilha, em 1530 e em 1542; um dos Quinto Abecedário (Burgos, 1542) e um dos Sexto Abecedario editado em Medina del Campo, em 1554. Em Évora encontram-se ainda outras obras: duas edições de Gracioso Convite de las Gracias del Santíssimo Sacramento del altar, (Burgos, 1537; Sevilha, 1544) e Norte de los estados (Sevilha, 1550). Cf. Silva Dias, *op.cit.* p. 291.

⁴¹ O *Terceiro Abecedario Espiritual* foi editado primeiro em Toledo, em 1527. A obra completa do Abecedário espiritual contém seis partes e apareceu depois da morte do autor, em Sevilha, 1554. Durante sua vida foram publicadas quatro partes, de 1525 a 1530. Cf: PEERS, E. Allison. *El Misticismo Español*. Buenos Aires: Espasa-Calpe- Argentina, 1947, pp. 79/80.

⁴² *Livro da Vida*, Cap. 4, § 7. Assim relata Teresa de Jesus: "...aquele tio...me deu um livro, chamava-se Terceiro Abecedário e ensinava a oração de recolhimento. Nesse primeiro ano, eu havia lido bons livros (...), mas não sabia como agir na oração nem no recolhimento, e por isso aquele livro me deu grande alegria." Foi um dos livros com maior ascendência sobre Santa Teresa.

⁴³ Cognet, *op.cit.*, p. 75.

⁴⁴ Bernardino de Laredo era médico, doutorou-se na Universidade de Sevilha. Em 1510, apresentou-se no convento Franciscano de San Francisco del Monte, próximo a Sevilha, e requereu ser admitido como leigo. Atendia aos enfermos e era conhecido pela sua vida ascética. Cf. PEERS, *op. cit.*, p. 97.

⁴⁵ O livro *La Subida del Monte Sión* foi editado pela primeira vez em Sevilha, em 1535. Em 1538, foi revisto por Laredo e reeditado em Sevilha.

⁴⁶ Cognet, *op.cit.* p. 78 . Sobre este assunto ver também Maroto. *Amor y conocimiento em la vida mística*. Madrid: Funcacion Universitária Española, 1979, pp. 11-39 e 155-208.

⁴⁷ Foi beatificado em 1662 e canonizado em 1669.

⁴⁸ Além do *Tratado de la oración y meditación* (1533) escreveu *Breve Introducción para los que comienzan a servir a Deios, Três cosas que debe hacer el que desea salvarse, Oración devotísima, Petición especial de Amor a Dios* juntamente com a constituição de sua Ordem. As obras foram publicadas em uma edição sem data, aparecida em Lisboa por volta de 1560. Cf. PEERS, Allison. *Op. cit.*, p. 106.

⁴⁹ MAROTO, *op. cit.*, p. 208

⁵⁰ *Idem*, p. 206

⁵¹ *Idem*, p. 207.

⁵² *Idem*, p. 208.

⁵³ *Idem*, p. 209.

⁵⁴ Foi beatificado em 1894.

⁵⁵ PEERS, *op.cit.*, p. 111/112. Compõe o conjunto de sua obra o *Tratado del «Audi Filia»* (1588), sua obra mais famosa, o *Epistolário espiritual* (1579), uma coleção de epístolas sobre temas espirituais e morais (não preparadas pelo autor para sua publicação); *Plática para sacerdotes, Meditaciones, Tratados del Santissimo Sacramento del Altar*. A primeira edição que reúne as várias obras de Juan de Ávila apareceu em 1588; nela consta a biografia escrita por Luiz de Granada. Cf. Peers, *op.cit.*, p. 112.

⁵⁶ Várias obras de Erasmo foram editadas na Espanha de 1527 a 1557. Ver Bataillon, pp. LI-LIX.

⁵⁷ Obra fundamental é o livro de Bataillon. *Erasmo y España: Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. [A primeira edição em francês é de 1937]

⁵⁸ Ver por ex, a esse respeito as obras de Teresa de Jesus: *Livro da Vida; Caminho da Perfeição e Castelo Interior*. Em *Caminho da Perfeição*, cap. 31, 5, a Santa menciona a consulta realizada ao franciscano Padre Francisco (São Francisco de Borja) para entender o seu estado de alma. Em o *Livro da Vida* a Santa relata leituras e/ ou contactos com outros místicos: com Frei Pedro de Alcântara, no cap. 27, n. 16 ss; no cap. 30, n. 2; no cap. 12, 2, cita o livro *Arte de Servir a Dios*, do franciscano Alonso de Madrid, muito lido na época de Teresa de Jesus. (Contou com várias edições: Sevilha, 1521; Alcalá, 1526; Burgos 1530; 1542 1551, 1555, 1570, etc.); Cita São Vicente Ferrer, em *Livro da Vida*, Cap. 20, 23.

- ⁵⁹ No *Livro da Vida*, cap. 14, § 1, a Santa trata do oração de quietude. Teresa de Jesus provavelmente conheceu a expressão "oração de quietude" do *Terceiro Abecedário de Osuna*. Citação feita a partir das *Obras Completas* Teresa de Jesus. São Paulo: Edições Loyola, 1995. (Texto estabelecido por Fr. Tomas Alvarez, O.C.D.)
- ⁶⁰ No *Livro da Vida*, cap. 22, § 1, Santa Teresa escreve "Esses livros insistem em que se deve afastar toda imaginação corpórea, chegando-se a contemplar a Divindade; eles afirmam que ,par quem chegou tão longe, mesmo a Humanidade de Cristo é um embaraço e um empecilho `a contemplação perfeita".
- ⁶¹ Ao tratar da união, Teresa de Jesus utiliza termos apreendidos de livros espirituais da sua época, particularmente em Laredo, *Subida del Monte Sión* por la via contemplativa (Sevilha, 1535). Cf: Teresa de Jesus, *Livro da Vida*, cap. 18, 2.º In: *Obras Completas*. *Op.cit.* Iguualmente cita o *Livro Subida del Monte Sión*. no *Livro da Vida*, cap. 23, 12;
- ⁶² A espiritualidade dos «Santos Desertos» integrava a linha da reforma de Santa Teresa e São João da Cruz, e significou a adoção dos modelo em alguns dos mosteiros masculinos, da vida dos primeiros anacoretas.
- ⁶³ Vários são os processos contra os «espirituais». Na Espanha, por ex, Sórora Magdalena de la Cruz, abadessa das Clarissas de Córdoba, foi acusada de «embusteira» sofreu processo inquisitorial (1544-46). Em Portugal, em 1588, a Priora da Anunciada respondeu processo inquisitorial. Em meados do séc. XVII, a onda persecutória não havia abrandado. No auto de fé de 1660, das quarenta e duas mulheres que saíram, algumas condenadas por visões e êxtases. Cf. Belchior, *op. cit.*, p. 248.
- ⁶⁴ Os allumbrados ou iluminados, caracterizavam-se por procurar uma experiência mística através da via unitiva. Certas orientações do movimento permitem aproximá-los da corrente Reno-flamenga, guardando contudo, diferenças. Cognet, *La Spiritualité Moderne*, *op. cit.*, p. 73.
- ⁶⁵
- ⁶⁶ Em 1559 o Inquisidor Fernando Valdés incluiu o *Libro de la Oración e Meditación* e outras obras de Frei Luís de Granada no Catálogo de Livros Proibidos. Rodrigues, Maria Idalina, *op. cit.*, p. 21.
- ⁶⁷ Rodrigues, Maria Idalina, *op. cit.*, p. 19/20. A partir da segunda década de seiscentos decrescem as publicações. Constam do acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa as edições de 1567, 1570, 1572, 1573, 1577, 1579 publicadas em Salamanca. Publicado em Lisboa de 1592 (quatro exemplares) e 1612; Geribam 1558; Barcelona, 1615 (dois exemplares). A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui edições de Salamanca de 1573, de Lisboa de 1592 e 1612. Em Évora as de Salamanca de 1584 e 1586 e de Lisboa de 1592. Na Biblioteca Pública de Braga e Arquivo Distrital de Braga, Leiria e Viana do Castelo constam também exemplares das obras de Granada.
- ⁶⁸ *Idem*, p. 56.
- ⁶⁹ Rodrigues, *op.cit.*, p.929/930.
- ⁷⁰ Rodrigues, *op. cit.*, p. 933.
- ⁷¹ Belchior, Maria de Lourdes. *Frei António das Chagas. Um Homem e um Estilo do Séc. XVII*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953, p.3.

- ⁷² Interessante notar que Frei Luis de Granada traduziu, dentre outras obras, a famosa *Imitação de Cristo*, atribuída a Kempis.
- ⁷³ As obras de Frei Luis de Granada receberam várias edições. Cf em Belchior. *Op.cit.* p. 3. Frei Antônio das Chagas escreveu *Desengano do Mundo*, com o nome de Antônio da Fonseca Soares, «no tempo em que andava pra entrar na Religião em que professou com o nome de Frei Antonio das Chagas no ano de 1662». Cf. Belchior, *op. cit.*, p. 15.
- ⁷⁴ *Idem.*
- ⁷⁵ «*Pia Exercitia ou Exercitia/ Quaedam alla, divina/prorsus, et quae cōpendio homine in Deum trāsformare queant Auctore*». D. Nicolao Eschio. Cf. Pontes, *op.cit.*, p. 268.
- ⁷⁶ Belchior, *op. cit.*, p. 268.
- ⁷⁷ *Idem.*, p. 277.
- ⁷⁸ Citado por Maria Idalina Rodrigues. *Estudos Ibéricos da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987. p. 764.
- ⁷⁹ *Chronica dos Eremitas das Serra da Ossa*, t. 1, p. 136.
- ⁸⁰ Bataillon, Marcel. «La Spiritualité». In: *Actas do Congresso Internacional Comemorativo IV Centenário da Universidade de Évora 1559-1959*. Coimbra, Imprensa de Coimbra, 1967, p. 288.
- ⁸¹ Há um exemplar no setor de Obras Raras na Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro. Foi editado em Évora, em 1583. «*Tratado que Escrivio la Madre Teresa de Jesus a las herannas religiosas de la Ordem de Nuestra Senhora Del Carmen Del Monesterio del Senhor de Ávila de donde a la fazon era priora y fundadora*. Impressa a presente obra muy noble e sempre leal ciudad Évora, em casa de la Viuda Muger que fue de Andrés de Burgos».